



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Autismo e Laço Social

Emilie Noël

Orcid: [0009-0000-1627-7192](https://orcid.org/0009-0000-1627-7192)

Psicóloga Clínica

Doutoranda no Laboratório RPPsy da Universidade de Rennes 2 (Rennes, França)

E-mail: emilie.noel@univ-rennes2.fr

Resumo: A questão de pesquisa examinada nesta comunicação trata da maneira como as pessoas autistas percebem um habitat concebido para elas. Propõe-se a hipótese segundo a qual o lugar não decorre primeiramente da organização material do espaço, mas constitui-se a partir de um vínculo; é a partir desse lugar que o espaço pode ser pensado coletivamente. Nessa perspectiva, o habitat não pode ser analisado unicamente como um dispositivo arquitetônico voltado para o apaziguamento ou para a terapêutica. O projeto da Casa do Autismo de Bruxelas introduz um deslocamento ao implementar um ateliê participativo que associa pessoas autistas à concepção de seu futuro espaço de acolhimento, destinado a sustentar a socialização e a orientação do percurso de cuidado. Essa coleta de falas sobre o habitat, a partir das próprias pessoas envolvidas, ensina sobre as condições de um vínculo: uma pessoa que nos acolhe com um “Bom dia” e espaços de geometria variável calibrados segundo seus interesses específicos, entre outros aspectos. Além disso, busca responder à questão central: a representação de um habitat a partir de suas dificuldades. Um estudo científico recente questiona a tese segundo a qual os transtornos de comportamento seriam induzidos pelos limiares de transição espacial, mostrando, ao contrário, que os movimentos corporais nesses espaços podem produzir um efeito de apaziguamento relacionado ao autotratamento. A partir de algumas contribuições do ensino psicanalítico, esta comunicação sustenta que é o vínculo que condiciona o lugar, tese de Jacques-Alain Miller, isto é, o lugar do sujeito na invenção de um laço social. Duas vinhetas oriundas de uma prática clínica liberal ilustram a incidência de um acompanhamento orientado pela singularidade sobre a trajetória de um novo vínculo social.

Palavras-chave: Autismo; Laço social; Habitat; Espaço; Inclusão; Lugar do sujeito.

Autisme et Lien Social: La question de recherche examinée dans cette communication porte sur la manière dont les personnes autistes perçoivent un habitat conçu pour elles ? Elle propose l'hypothèse selon laquelle le lieu ne se déduit pas d'abord de l'organisation matérielle de l'espace mais se constitue à partir d'un lien, c'est à partir de ce lieu que l'espace peut se réfléchir à plusieurs. Dans cette perspective, l'habitat ne peut-être analysé uniquement comme dispositif architectural visant l'apaisement ou la thérapeutique. Le projet de la maison de l'Autisme de Bruxelles, introduit un décalage en mettant en place un atelier participatif associant des personnes autistes à la conception de leur futur lieu d'accueil, destinés à soutenir la socialisation et l'orientation du trajet de soin. Ce recueil de paroles sur l'habitat à partir des personnes concernées, enseigne sur les conditions d'un lien, une personne qui nous accueille avec un « Bonjour » et des espaces à géométrie variable calibré sur leur intérêt spécifique entres autres. Au delà, de répondre à la question centrale : la représentation d'un habitat à partir de leurs difficultés. Une étude scientifique récente remet en question la thèse que selon laquelle les troubles du comportements seraient induits par les seuils de transition spatiale, montrant au contraire que les mouvements corporels dans ces espaces peuvent produire un effet d'apaisement relevant de l'auto-traitement. À partir de certains apports de l'enseignement psychanalytique, cette contribution soutient que c'est le lien qui conditionne le lieu, thèse de Jacques-Alain Miller, c'est-à-dire la place du sujet dans l'invention d'un lien social. Deux vignettes issues d'une pratique libérale illustre l'incidence d'un accompagnement orienté à partir de la singularité sur la trajectoire d'un nouveau lien social.

Mots clés: Autisme; Lien social; Habitat; Espace; Inclusion; Lieu du sujet.

Autism and social bond: The research question examined in this paper concerns the way autistic individuals perceive a habitat designed for them. It proposes the hypothesis that place does not primarily derive from the material organization of space, but is instead constituted through a bond; it is from this place that space can then be collectively reflected upon. From this perspective, habitat cannot be analyzed solely as an architectural device aimed at calming or therapeutic purposes. The project of the Autism House in Brussels introduces a shift by establishing a participatory workshop involving autistic individuals in the design of their future welcoming space,

intended to support socialization and guide the care trajectory. This collection of testimonies about habitat, based on the words of those directly concerned, sheds light on the conditions of a bond: a person who welcomes us with a "Hello," and spaces with variable geometry calibrated according to their specific interests, among other elements. Beyond this, it seeks to answer the central question: the representation of a habitat from the perspective of their difficulties. A recent scientific study challenges the thesis according to which behavioral disorders are induced by thresholds of spatial transition, showing instead that bodily movements within these spaces may produce a calming effect related to self-treatment. Drawing on certain contributions from psychoanalytic teaching, this paper argues that it is the bond that conditions place, following Jacques-Alain Miller's thesis, that is, the subject's place in the invention of a social bond. Two case vignettes drawn from private clinical practice illustrate the impact of support oriented toward singularity on the trajectory of a new social bond.

Keywords: Autism; Social bond; Habitat; Space; Inclusion; Subject's place.

Autismo e Laço Social

Emilie Noël

O *habitat* como lugar de tratamento

Patrick Sadoun (2019), pai de um adulto autista, dá testemunho de todo o trabalho de elaboração que teve que realizar para tentar dizer o indizível do autismo, título de seu livro. Nele, compartilha seu engajamento político pelo reconhecimento da dignidade, dos sofrimentos psíquicos e da singularidade de cada pessoa autista. Suas reflexões sobre essas particularidades o levaram a debruçar-se sobre recomendações arquitetônicas durante a criação de um lugar para acolher seu filho: "A percepção dos autistas está aquém da linguagem, ela é vivida na imediatez das sensações frequentemente invasivas, em um mundo sem limites de tempo e de espaço, sem diferenciação entre os seres ou com as coisas" (Sadoun, 2019, p. 77).

Ele propõe que sejamos nós que, ao mesmo tempo, coloquemos as questões e tentemos respondê-las, enquadrando em categorias normativas aquilo que escapa ao nosso entendimento, no que diz respeito à particularidade que as pessoas autistas têm de lidar com o mundo que permanece fora de todo entendimento. A questão do tratamento do autismo passa por desafios incontornáveis no discurso político: o do diagnóstico a fim de estabelecer um atendimento pedagógico e terapêutico; mas também o do ordenamento do ambiente articulado a partir da política da inclusão, sob a égide de um significante, o das "necessidades especiais".

Será que o *habitat*, enquanto concepção arquitetônica cujo postulado é orientar-se pelo uso dos lugares considerando as necessidades específicas das pessoas por meio do ordenamento do ambiente, pode ter um efeito terapêutico sobre uma patologia, neste caso específico, o autismo?

É nessa perspectiva que se inscreve o projeto da Casa do Autismo de Bruxelas, mas isso não é sua única finalidade. Trata-se também da oferta de um lugar de acolhimento e de socialização que pretende oferecer respostas que se aproximem ao máximo das necessidades reais dos usuários: desde a concepção do lugar e de seu ordenamento interior até seu uso para todas as pessoas envolvidas.

Da percepção do espaço na criança a uma conceptualização arquitetônica terapêutica

Este estudo, datado de 2023, conduzido pela Escola Nacional de Arquitetura e Urbanismo de Túnis e a equipe de Pesquisa sobre as Ambiências (ERA) sob a direção de Sana Layeb, busca compreender os comportamentos das crianças autistas nos espaços educativos especializados, analisando principalmente as transições espaciais. O objetivo é elaborar correções, melhorias ou recomendações espaciais para a concepção desses espaços.

A abordagem teórica se apoia no DSM-V (2013), postulando a hipótese de um déficit cognitivo que dificultaria a apreensão correta do espaço e que, por isso, poderia gerar transtornos de comportamento. Essa abordagem leva à necessidade de conceituar modelos perceptivos próprios a essas crianças para conceber ambientes adaptados à sua aprendizagem. As contribuições do DSM-V

(2013) são cruzadas com as neurociências e a estimulação mental, a fim de criar um método capaz de discernir os estados emocionais de crianças que, em razão de transtornos da linguagem, nem sempre podem expressar o que sentem.

Fundamentos teóricos oriundos da psicologia e das neurociências sustentam o estudo, sublinhando como a percepção, a afetividade e a ação interagem para influir no comportamento, como já estudado por Augoyard e Torgue (2015), ou ainda James (1992). O estudo se interessa particularmente pela atividade eletrodérmica (AED) — resultante da ativação simpática do sistema nervoso autônomo — como principal indicador fisiológico do despertar, da atenção e das emoções.

Concernente à transição espacial, os arquitetos como Beaver (2013) ou Mostapha M. (2014) sublinham a importância da legibilidade, da previsibilidade e da compartimentação para reduzir o desconforto das crianças autistas. Demilly (2014), em sua tese, nota que as transições como os corredores ou escadas são para eles momentos difíceis, portadores de transtornos potenciais e de desafio comportamental, pois estão associados a ruptura sensoriais complexas de gerir na ausência de expressão verbal do incômodo. A hipótese da equipe é que os comportamentos estereotipados ou repetitivos seriam a manifestação observável das perturbações induzidas por essas transições (luz, som, proporções, cores...). O objetivo é então quantificar, via a sudação da pele, o nível de excitação emocional, sendo a atividade eletrodérmica um índice mensurável e sensível do laço entre estereotipia, movimentos e vigilância.

O método combina então a análise da variação eletrodérmica das crianças durante seus deslocamentos cotidianos em centros de educação especializados em Túnis — de 27 crianças, acompanhadas durante três anos — e a observação de seus comportamentos no seio de diferentes espaços, com uma estruturação espacial extraída do método TEACCH. A análise puramente comportamental atribui os comportamentos estereotipados ou repetitivos a fracas ou fortes reatividades sensoriais — noção já descrita por Ayres (1979) ou Ornitz (1974,1989). Um questionário (Dunn) permite traçar o perfil sensorial de cada criança e cruzar esse perfil com os escores observados sobre dois eixos: limiar neurológico e modalidade de autorregulação comportamental, distinguindo assim quatro tipos de integração sensorial.

Um dos resultados maiores é que 50% dos participantes apresentam uma anomalia na análise dos sinais cinestésicos (movimentos, posição do corpo), enquanto o tratamento da informação visual é relativamente menos afetado. Isso orienta o estudo para a avaliação do impacto da transição arquitetônica sobre a motricidade e o bem-estar segundo a configuração dos espaços.

A análise do sinal fisiológico segundo os espaços atravessados — cada um associado a uma cor para facilitar a interpretação — faz emergir, por correlação, os espaços de estresse, de apaziguamento ou de incômodo. Os resultados sublinham por exemplo que atividades recorrentes (balanceio, balanço) ou sensações cinestésicas estacionárias respondem a necessidades de autorregulação sensorial, sugerindo integrar dispositivos espaciais de utilização repetitiva, para moderar a emoção.

As transições horizontais colocam dificuldades: as crianças buscam a contenção, associada à segurança e hospitalidade, e percorrem os espaços abertos em linha reta, evitando todo contato com o vazio, modificando espontaneamente sua trajetória para restabelecer um sentimento de controle. As transições verticais, curiosamente, não induzem comportamentos perturbadores particulares, mesmo nas crianças cinestésicas hipossensíveis. Quando um espaço é atravessado em vai-e-vem, a atividade eletrodérmica baixa, traduzindo um estado de apaziguamento.

A conclusão é que a ritmicidade e a repetitividade dos movimentos durante os deslocamentos em espaços de transição (sobretudo as pequenas ante salas e as escadas) poderiam remediar o mal-estar ou o estresse. Onde a literatura identifica as escadas como obstáculos problemáticos, os dados de campo mostram ao contrário que, concebidas com repetição, dinamismo, elas podem ter um efeito apaziguador e positivo sobre o estado emocional de certas crianças. A repetição, seja de balanceio ou de atravessamento de degraus, responde à necessidade de regulações emocionais, sem induzir por isso "transe" ou estado de dissociação cognitiva. Podemos destacar que a conclusão deste estudo dá testemunha das capacidades criadoras dos sujeitos autistas na elaboração de autotratamento, no caso de transição espacial.

A Casa do Autismo como oferta de socialização

A Casa do Autismo de Bruxelas oferece um lugar de acolhimento e de socialização das pessoas apresentando um espectro do autismo com ou sem diagnóstico, sem distinção de idade. Este lugar acolhe igualmente às famílias, aos cuidadores próximos e aos profissionais do setor. Por enquanto, o projeto está na fase de elaboração de um anteprojeto dos edifícios (previsto para 2029). O projeto consiste em renovar uma construção de 1200m² com espaços distintos. Primeiramente, o da coordenação com um espaço de acolhimento, quatro escritórios para receber e no último andar o observatório, um lugar onde todas as pessoas interessadas pela pesquisa podem se encontrar. Um espaço de formação em autogestão onde é possível propor mas, também, assistir a conferências, por exemplo. O *hall* de atividades com diferentes salas de psicomotricidade, a serem utilizadas segundo os tipos de atividades e oficinas, um *snoezelen* e, em anexo, uma cafeteria assim como uma cozinha que pode servir um lanche ao pessoal que ali trabalha, ou que pode ser utilizada por grupos para oficinas de cozinha pedagógica. O jardim, concebido ao mesmo tempo como espaço de encontro/deambulação e de lugar sensorial com a diferenciação de espaços de repouso, espaços de atividade, jogos exteriores e um *snoezelen* (espaços que combinam exploração e relaxamento). A Casa do Autismo tem, há um ano, um edifício físico onde coloca à disposição espaços de compartilhamento com fins de sensibilização, de formação, de lazer e de encontros. Ela propõe coordenar essas iniciativas de representações plurais, graças a um suporte logístico, comunicacional e financeiro. Vários projetos surgiram, como grupos de fala, conferências, projeções de filmes, etc.

Uma das missões da Casa do Autismo não tem vocação de realizar um diagnóstico oficial, não obstante todas as iniciativas que vão no sentido da ajuda, do acolhimento, do reconhecimento, da

colocação em rede, dos lugares de acolhimento e mesmo as mais singulares podem ser acolhidas e tratadas na Casa do Autismo com um colaborador.

Os 4 eixos da missão da Casa do Autismo são os seguintes:

- 1) Escuta, informação & orientação
- 2) Formação & sensibilização
- 3) Lazer, descanso & encontro
- 4) Vigilância, monitoramento & inovação

Esta organização dentre várias permite vislumbrar uma ocupação desses espaços de maneira original. Durante a oficina participativa, certos pais desejam ocupar lugares como o grupo de fala. As instituições veem essa oferta como um Outro lugar a investir como estrutura Extramuros com efeitos de corte da instituição que a clínica com sujeitos desancorados do laço e do outro nos ensina a acolher.

A particularidade do projeto da Casa do Autismo é levar em conta diretamente a opinião das pessoas envolvidas. Como coordenadora do projeto com a equipe da SAU e a equipe de arquitetos, me foi pedido refletir sobre uma metodologia de coleta de dados a fim de reduzir a distância entre a reflexão do projeto e a necessidade real dos usuários. Propus 4 oficinas participativas reunindo em grupos distintos, as associações, os trabalhadores em instituições, os trabalhadores independentes e as pessoas autistas adultas e, isso, para desenvolver minha argumentação sobre o que pensam as pessoas autistas da lógica de uma construção de um espaço físico em um lugar que é dedicado a elas. Vou primeiramente dar conta do que a clínica nos ensina e igualmente transmitir a opinião das pessoas autistas quando tomam a palavra.

Oficina participativa com as pessoas autistas

Como escreve Magdalena Kohout-Díaz (2018), interpretar a educação em termos de necessidade coloca os alunos na posição de "serem falados" ao invés de serem ouvidos e acolhidos com sua parte de opacidade, identificados à sua deficiência ou à sua diferença, como se seus desejos fossem supérfluos.

A Casa do Autismo não tem a vocação de fixar traços universais imutáveis, propósito encorajado pelo discurso da inclusão. As oficinas são lugares onde é possível ouvir o que as pessoas autistas têm a nos dizer sobre um lugar de acolhimento que lhes é destinado. Aliás, em todos os casos, a primeira ocorrência é identificar rapidamente uma pessoa que os acolhe e que lhes dirige um "Bom dia". Para o contexto geral, quatro conceitos foram majoritariamente adotados. O primeiro é que a Casa do Autismo é chamada, antes de tudo, de "casa dos autismos" em referência às diferentes expressões do Espectro Autista. Em termos de espaço, o conceito "de geometria variável" foi utilizado para que os espaços pudessem ser ocupados em função do que acontece, principalmente das atividades e das oficinas. A orientação é a seguinte: "Se um lugar for disponibilizado, assegurem-se de que lá nada seja proibido" com uma atenção particular à qualidade dos materiais e à segurança. Uma

última observação: a apreensão espacial deste tipo de projeto é sempre a partir de estudos sobre as crianças na faixa de 0-15 anos e, essas, sendo mais específicas, o que é proposto não corresponde às necessidades dos adolescentes e adultos, que estão muito mais em busca de espaço de encontro, de laço social, de produções artísticas e culturais.

1. Condição do laço social traduzida na organização do espaço

- a. Ter uma pessoa no acolhimento para dizer "Bom dia!"
- b. Uma caixa pequena dentro de uma caixa grande, lugar de abrigo ou de refúgio onde se retirar para "recalibrar seus sentidos". Segundo um dos participantes: "Não é que eu não queira estar com os outros, mas quando há um detalhe que me incomoda, devo encontrar outro lugar para me acalmar, mas isso não quer dizer que eu não queira estar com os outros ou que eu não goste dos outros". Também é importante prever "esconderijos naturais" no jardim, arbusto, caramanchão, etc.
- c. É importante que haja um café reservado unicamente a pessoas autistas porque alguns não têm vontade de estar constantemente fazendo esforços de socialização com os outros, mas desejam passar um momento "entre nós" de forma agradável a eles.
- d. Poder se apresentar ou fazer "exposições" do trabalho artístico realizado.
- e. Criação de grupos de escuta e descanso para os pais
- f. Espaço de pesquisa "Observatório" aberto a todos, inclusive às pessoas autistas.
- g. Sistema de autogestão dos lugares com a ajuda de um voluntário.
- h. Há também a possibilidade de consulta para dificuldades jurídicas.

2. Os espaços "De geometria variável"

- a. Sempre ter uma "vista" para a porta de saída e manter postos de observação afastados sem ser visto.
- b. Salas dimensionadas em função de um número de pessoas (2, 3, 10) para acolher todas as pessoas em função a partir de seus limites de tolerâncias sociais.
- c. Sinalização visual e sem muito estímulo.
- d. Certos edifícios devem ser acessíveis à noite (Café, Biblioteca, sala de estudo) mas também está disponível um quarto de urgência para aqueles que têm dificuldades à noite.
- e. A Casa do Autismo deve ser acessível 24 horas.

3. Condição do lugar

- a. É possível não "ser visto" do exterior ou nas salas de trabalho.
- b. Evitar o máximo possível os "ruídos parasitas" surpresa pois são desencadeadores de crise.
- c. Vários lugares de refúgio sem estímulo e outras zonas esconderijo naturais a integrar em um meio mais natural, por exemplo, ou uma atenção particular aos banheiros.
- d. Concepção e ordenamento a partir das sensibilidades perceptivas (sinalizações visuais,

insonorização acústica, termorregulação, luminosidade, odor).

e. Acesso a um computador para realizar pesquisas.

f. Disponibilidade de espaços muito escuros para se regular do excesso de estímulos.

g. Josef Schovanec, que acompanha de perto a concepção da Casa do Autismo e que participa do projeto, teve a ideia de incluir um Fablab, isto é, um laboratório de fabricação que permite a cada um conceber, prototipar e fabricar qualquer objeto. Ele propõe um orçamento para investir em uma impressora 3D, porém é preciso que esses laboratórios experimentais sejam apresentados em versão sensorial, pois as pessoas autistas, quando estão em contato com uma atividade apaixonante não prestam ou prestam pouca atenção aos outros. Um lugar desse tipo no acolhimento ou em lugares de espera pode "evitar" a dificuldade de ter que permanecer de maneira estática em um ambiente onde há muita gente. Ele propõe desenvolver várias versões: Quebra-cabeça, bricolagem, madeira, Legos, etc.

h. É possível trabalhar no laboratório enquanto supervisionado por um profissional.

Dar a palavra às pessoas envolvidas e mais particularmente às pessoas autistas sobre um projeto de concepção de um *habitat* nos leva a várias constatações. Primeiramente, é importante evitar a armadilha de se fazer intérprete de uma língua que não saberia ser comum, evitando pôr aí a marca de um saber que prometa uma resposta que possa suturar o mal-estar que essa língua incomum provoca na sociedade. Em seguida, recolher opiniões uma a uma, que além do efeito de difratar um saber universal, ensina uma escuta do que as pessoas autistas têm a nos dizer sobre a maneira como se representam.

Imutabilidade, movimento, laço social

Em 1943, Leo Kanner é o primeiro a identificar os sintomas iniciais do autismo infantil. Após a observação de 11 crianças, ele fica impressionado pela distância emocional que essas crianças colocam entre elas e os outros e insiste em dois sintomas essenciais: o aloneness (a solidão) e o sameness (a mesmice). De acordo com Kanner (1943), a solidão e a insistência obsessiva de imutabilidade são os principais critérios diagnósticos do autismo infantil precoce.

Donna Williams (1992, p. 27), falando de sua relação e a função dos objetos, nos diz o seguinte:

As pessoas sempre diziam que eu não tinha amigos. Mas meu universo estava cheio de amigos. E esses amigos eram muito mais maravilhosos, dignos de confiança, previsíveis e reais que as outras crianças. E sobretudo, sobretudo eles chegavam oferecendo as garantias de uma perfeita segurança.

Neste trecho, ela nos entrega as condições para que uma real amizade se produza. Ela nos fala de confiança e de previsibilidade. A imutabilidade é ainda uma característica para ordenar o

mundo do sujeito autista. Ao contrário, a modalidade do ser humano é caracterizada pelo vivo, o inesperado. Ela indica que esses objetos são reais, tão reais quanto os seres humanos.

O sujeito autista é apreendido como um modo de funcionamento específico, uma estrutura subjetiva original. Jean-Claude Maleval em *A diferença autística* (2021) considera que esse sujeito é diferente em relação a uma clínica dos fenômenos observados na psicose. O tratamento orientado pela psicanálise passa, não pela elucidação de um passado oculto (decifração do inconsciente) mas pela construção, o desenvolvimento e o esvaziamento da borda.

Segundo Maleval (2021), há três características na lógica do sujeito autista: o objeto autístico que localiza a libido, a transferência conectada em um duplo, e as ilhas de competência. Esses três elementos localizam o gozo que retorna sobre uma borda operando como um captador de gozo dinamizante e fazendo função de fronteira erigida pelo sujeito ao mesmo tempo para se proteger do caos do mundo mas também como canal do mundo do sujeito autista. Eric Laurent (2012) desenvolve que se há interstício para ali se introduzir, essa neo-borda é o lugar retorno do gozo onde um encontro é possível com um parceiro que venha ali responder.

Em sua obra *Autismo, Dizer o indizível*, Patrick Sadoun (2019, p. 81) nos apresenta momentos no trabalho sustentado de seu filho Boris com um psicanalista três vezes por semana:

Pouco a pouco Boris se apaziguou, ele tomou consciência de si mesmo, dos outros e do espaço que o cercava. Ele saiu um pouco do magma aterrorizante no qual vivia, sem limites corporais, sem diferenciação dele e dos outros, sem a linguagem para filtrar suas percepções e não se sentir invadido.

O lugar onde um encontro é possível não reveste unicamente os traços físicos de um *habitat*. Como sublinha Jacques-Alain Miller em seu curso intitulado *O Lugar e o Laço* (2000-2001), o analista é um lugar, é o lugar que aqui condiciona o laço. O analista é um Lugar por sua presença física mas também por uma orientação do discurso psicanalítico, o que a partir do mais singular torna possível o lugar de um sujeito no mundo.

A clínica com os sujeitos autistas nos ensina muito, desde o respeito às condições imutáveis a partir das quais um interstício de um encontro possível pode se fazer, da docilidade do parceiro que se atém à condução de um suave forçamento, tanto para um quanto para o outro, que se articula ao investimento de um objeto com um parceiro, ponto inaugural de uma ponte para o laço social. Nesta última parte, gostaria de compartilhar o trabalho de acompanhamento que efetuo em consultório particular com sujeitos autistas, da garantia da imutabilidade como ponto de ordenamento do mundo ao horizonte de uma possibilidade de construção de laço social.

Da tela projetada sobre a retina do olho ao ponto de vista de um administrador do site da internet da escola e a criação de "um organizador de vida"

A condição de um encontro: Dentro da tela

Encontro Luca, adolescente de 15 anos diagnosticado autista na infância em grande dificuldade por causa de assédio na escola. Como consequência, vive a impossibilidade de frequentá-la. "Ele está à beira da desescolarização, não sabemos mais o que fazer", relata a mãe. As soluções sérias promovidas junto à escola e à administração pública não dão em nada, deixando a família desamparada diante da demanda do Outro pedagógico. Entretanto, Luca está conectado a um saber, o da construção autodidata de uma linguagem informática através da máquina. Desde o primeiro encontro, ele dá suas condições de acolhimento "Venho, mas não sem família", dispositivo perigoso e impossível já que ele se coloca de lado, esconde seu rosto, grita e se agita assim que seus pais falam dele. Levo a sério, ao mesmo tempo seu dizer e sua impossibilidade de estar ali e abro a porta do consultório. Luca se apodera disso entrando e saindo do consultório mas sem gritar, depois, ele conclui com uma maneira de proceder: "primeiro sou eu na consulta e em seguida sou eu e meus pais". Luca não deseja discutir sua paixão pelos videogames pois é "sua intimidade". Na aproximação dos exames, suas possibilidades de circulação diminuem, Luca está muito ausente. A escola e os pais pensam que ele não vai passar de ano. Ele sofre para vir às sessões, tento ainda passar por seu interesse pois a conversa lhe é muito penosa. Luca não deseja falar, mas aceito sua proposta de ir em sua casa, para "ver" o que ele "maquina" com seus videogames. É um momento difícil, Luca não sai mais de seu quarto. Eu o encontro em um dispositivo "extramuros", me fazendo dócil à sua condição de encontro. Interesse-me pelo jogo que ele está jogando, com os olhos fixos na tela proeminente de seu quarto. O lugar dessa prática do olho fixo na tela ao mesmo tempo adesiva e grudenta, lembra uma das descobertas de Rosine e Robert Lefort em sua obra *Nascimento do Outro* (1980). Sua pesquisa precisa a particularidade do objeto olhar e eles constataam: "Há uma pulsão bem particular, a pulsão escópica, que é privilegiada na medida em que ela reduz ao máximo essa redução da perda de objeto" (Lefort & Lefort, 1980, p. 392).

Isso coloca a questão do estatuto desse objeto para além do uso da conexão. A tela torna difícil o estabelecimento de um laço social. Não obstante, é a partir desse único ângulo que o jovem está inclinado a me mostrar como ele fabrica mundos como pesquisa. Ele fala de seu projeto de realizar um jogo com "um grafismo o mais realista possível" e isso mobiliza todo um saber-fazer de uma linguagem informática específica. Luca está em seu elemento, faço-me dócil a seu ensinamento. Transmito-lhe minha incompetência para instalar *Minecraft* em meu computador. Uma conexão é feita, e as sessões retomam a partir de *Minecraft* no consultório.

Fora do quarto com a tela

Em resposta ao meu comentário descritivo, durante uma partida de *Minecraft*: "isso se parece com uma tartaruga", Luca utiliza um código que reproduz ao infinito tartarugas até a explosão desse significativo no jogo. Luca domina e ele fala diretamente à máquina com ajuda de código informático. Graças ao seu conhecimento, ele faz aparecer todos os objetos que deseja ou todos os lugares que

visa. Respeito essa pantomima imutável e, depois, proponho trabalhar e ele aceita na construção de um objeto em 3D a partir de um software de desenho. A prática do olho colado à tela não se descola, mas é possível trabalhar na questão do grafismo e dos desenhos. Em seu livro *Metafísica dos tubos*, Amélie Nothomb (2000), desde as primeiras páginas, descreve de que se trata no olhar como uma escolha de uma primeira recusa: da ausência de seu próprio olhar ausente e também do de seus pais sobre ela, posto que decidiram chamá-la gentilmente "a planta" para qualificar seu excesso de inércia desde o nascimento: "O olhar é uma escolha. Aquele que olha decide se fixar sobre tal coisa e portanto forçosamente excluir de sua atenção o resto de seu campo de visão. É em que o olhar, que é a essência da vida, é antes de tudo uma recusa" (Nothomb, 2000, p. 17).

As relações se modificam, estamos ambos na tarefa de tradução dos *softwares* de desenho para sua utilização com ajuda de um tutorial do *YouTube*. Na escola, seu lugar é questionado, Luca me pede para enviar *e-mails* e encontrar regularmente o diretor e seus professores. Isso não é suficiente e proponho aos pais que busquem uma escola onde seu filho seria melhor acolhido com sua singularidade, mas os pais recusam categoricamente.

O uso da lei como borda contra a agressividade e a passagem ao ato

A partir do "assédio na escola" se revela o segredo da "violência no seio da família" após as premissas de uma passagem ao ato interrompida por meu convite à sua sessão. Não posso me calar sobre o que vi e Luca me responde: "Não há câmera, podemos esquecer tudo isso, fazer como se não tivéssemos visto nada". Respondo firmemente não ter o direito de ser cúmplice e que estou na obrigação de me dirigir às autoridades. O jovem desmorona e aceita uma das três proposições, escrever uma carta de próprio punho, assinada com seu nome. Ele me pede para pôr minha assinatura assim como a de seus pais e que cada um guarde uma cópia. Ele se compromete a consultar um psiquiatra infantil sob pena de interrupção das sessões e de aviso à polícia. No momento de sair, no vão da porta, ele pergunta: "O que faço se meu pai me bater?" Respondo que ele tem o direito de chamar a polícia para garantir sua segurança. Após este evento, Luca se queixa do "tom agressivo" de seu pai e deseja que eu me encontre com ele.

Durante uma entrada estrondosa no consultório, do pai durante uma sessão, eu me sobressalto. O pai ri e se põe a falar muito alto, e admite que isso pode surpreender. Concordo e preciso: "sim, esse tom e a porta que bate, tive medo e realmente acreditei que algo ia cair sobre minha cabeça". Luca sorri, uma conversa a quatro se abre. O pai testemunha sua impotência e seus excessos de raiva, sobretudo quando seu filho não se alinha à sua lei, isso lhe é insuportável. Asseguro-lhe que nessas condições ele também pode recorrer às urgências e à polícia se necessário para garantir a segurança de todos os membros da família. A escola suspeita que o pai maltrate o filho. Este anúncio desestabilizou o Senhor que está mais atento a seu tom, recorre à ajuda se "isso degenera" segundo seus termos e deseja começar um trabalho com um psicólogo, eu de preferência.

Luca aceita a medicação e dá testemunho de uma diminuição do que ele nomeia "suas

explosões". Ele me solicita para regular a dosagem do medicamento com a psiquiatra infantil por envio de *e-mail*. O assédio não cessa na escola, ele é apontado como culpado e se extrai da cena. A agressividade faz retorno sobre seu corpo. Luca inunda seu pai de mensagens inquietantes. Após uma discussão com o pai, Luca se dirige ao hospital onde não é aceito em atendimento por causa de potencial violento. Proponho aos pais, em acordo com o neuropediatra, pedir um atestado de uma semana ao médico para que ele possa se colocar a salvo. Após este evento, os pais aceitam uma mudança de escola e nós iniciamos a busca por uma escola especializada com uma opção em informática.

Suportar o parceiro vivo

Os efeitos "surpresa" da contingência, acontecem quando ao chegar atrasada a um encontro provooco um grande momento de angústia nele mas, abre-se a possibilidade de propor em seguida um novo encontro, em uma hora diferente da habitual, coisa impensável anteriormente. Evoco uma perda, causa de meu atraso, ao qual ele responderá um "sinto muito que isso aconteça com você, e que você esteja tão triste".

Desde a mudança de escola, tudo vai bem, diz ele. Além da informática, ele adora a oficina de cozinha e não deixa de me trazer um pequeno *cupcake*. Ele faz mais alguns para dar aos membros de sua família. Luca realiza, por sua própria iniciativa, um visual para um projeto *Podcast* com um colega. Ele mostra seu trabalho a seu professor de informática. Desde então, Luca é administrador de um site e de um canal no *YouTube* da escola. O trajeto de seu trabalho, constroi-se primeiro pelo acolhimento de sua maestria da linguagem informática, uma porta de entrada se abre para mim como assistente de *Minecraft*, desenhando modelos de objetos em 3D junto com ele, fazendo parceria para escrever juntos preocupações difíceis, ele me pede para ler suas cartas e ler as cartas escritas juntos às diferentes instâncias constituindo sua rede (pais, escola, médico, psiquiatra infantil e mesmo membros de sua família mais distantes por sua iniciativa). Lembro-me do acolhimento de um dizer: "Ele é realmente intratável, ele não cede em nada enquanto nós nos desdobramos por ele". A leitura de seus escritos aos destinatários com quem o laço é difícil não é sem efeitos, ele passa do adolescente caprichoso a uma nova representação, ele precisa ser ajudado. Depois é sua vez de escrever, ele me envia SMS em várias ocasiões; quando o gozo faz retorno sobre o corpo, durante uma perda real de um companheiro de vida, durante um desacordo com um próximo ou a escola. Ele me comunica essas preocupações e eu respondo.

Um dizer sobre o corpo

Luca não habita seu corpo, ele se banha apenas sob ameaça, come pouco, e recusa um tratamento na pele para sua psoríase. Os pais sentem-se despreparados diante do "deixar cair" do corpo do filho. Para contrariar, o "deixar-cair" do corpo, evoco a obrigação de um serviço de ajuda domiciliar ou de uma hospitalização. O pai me diz: "você não se deixa impressionar, sabemos que

podemos contar com você". Luca fica desestabilizado e ferido no orgulho pois diz: "sei cuidar de mim mesmo". E depois há os mais discretos mas, não menos importantes, primeiros dizeres sobre o corpo: "Como eu não sentia dor em meu corpo, eu não tinha compreendido que era assim grave esse problema em minha pele". Luca vem sozinho às sessões e ocasionalmente os pais são convidados, a seu pedido, para discutir detalhes, como sua "intimidade".

A percepção de seu corpo e sobretudo suas sensações se modificam. Outras perturbações surgem, após "dores musculares" durante vários dias. Luca decide marcar consulta, ele mesmo, com seu médico. Anteriormente ele comparecia à consulta, senão seus pais eram obrigados a ameaçá-lo com uma hospitalização. Ele tem: "realmente dor nas pernas, "da ponta de meus pés até o início de meus quadris". O médico lhe fala de sua hipótese de "retenção de água" e lhe dá um tratamento medicamentoso e exercícios esportivos. Luca faz pesquisas após uma revelação de seus pais, ele liga para sua prima para lhe pedir conselho pois ela sofre também de retenção de água. Ele aprende que este sintoma atinge vários membros de sua família: "sabe Senhora Émilie, a retenção de água em minha família, é hereditária". É a primeira vez que Luca inscreve um traço, corporal no seio de sua família. Atualmente, pesquisamos ativamente um esporte que poderia lhe agradar e onde ele poderia engatar uma dinâmica sobre seu próprio corpo e, por que não?, em um clube.

Um organizador de vida

Sua última invenção é uma versão Belga do *Pro-note* (agenda) que ele personalizou para "ajudá-lo a se organizar em seu trabalho na escola". A partir desse *software*, ele pode ali inscrever sua ficha de aluno, seu horário escolar, suas notas, seus deveres, e também "suas ausências (limitadas a 9)", cito: "assim, posso ver se estou ausente demais". Luca prossegue seu trabalho e constrói uma versão para os professores, os educadores e também para os pais. Segundo ele, isso pode servir a todos os outros alunos para quem é mais fácil se organizar a partir de um telefone ou de um computador. Ele gostaria de propor uma versão final, destinada à sua escola, para que a coordenação do lugar de cada um no seio da escola seja melhor organizada. A tela está sempre presente, mas a paisagem é diferente. Não se trata mais de um mundo virtual ao qual ele pode apor sua assinatura e que fixa um espaço e um tempo a partir de sua regra imutável do jogo. O prisma escolar veio infiltrar a película e ocupar o sujeito exatamente no lugar onde ele estava ausente. A retina está sempre colada à tela, mas entre os dois, se abre um interstício, o da criação de um software de colocação em rede dos diferentes parceiros da escola à intenção desses jovens que organizam seu mundo decidindo portar seu olhar com a armação da película sintética.

Um dizer sobre seu projeto de vida

A futura participação em um estágio prático em "programação informática" e sobretudo o trajeto para chegar aí, o preocupa ao máximo. Uma nova questão emerge: "E como vou fazer com os outros eu?". Após uma consulta de orientação, Luca me liga e pede uma consulta com urgência, pois

ele está em estado de "angústia". Ele vem acompanhado de seus pais, que desejam marcar encontro com o diretor da escola, chocados que tenham tentado "desencorajar" seu filho em relação ao seu projeto profissional, depois de uma oferta de um primeiro estágio em uma empresa de acondicionamento de papelão. A conversa a quatro desemboca em um dizer de Luca: "Estava nervoso e fechei meus ouvidos e não a escutei mais". Ele prossegue: "talvez eu não tenha escutado o que ela queria me dizer, talvez ela quisesse simplesmente me ajudar". Seu pai deseja apresentar uma queixa à direção. Luca se opõe: "não, não quero criar caso, isso é importante para mim, esse projeto, é meu projeto de vida". Luca propõe então levar seu projeto e sua demanda ao seu parceiro, professor de informática na escola. Dito e feito, na sessão seguinte, Luca me fala do novo circuito em que tomou a palavra e que resultou na decisão em comum, sustentada pela escola, de um novo conselho de orientação. Luca expressa seus sentimentos sobre o momento difícil vivido: "fiquei decepcionado". Seus pais ficam divididos, tendo sempre protegido seu filho contra a dureza do discurso escolar. Eles não podem, não obstante, conter sua surpresa e seu orgulho de que seu filho, com seus 18 anos, se vire sozinho. Luca não me interpelou para transmitir uma mensagem à escola, mas me comunicou o sofrimento causado pela sua decepção e a virada que este evento abriu quanto à possibilidade para ele de se tornar seu próprio porta-voz com o suporte de outros parceiros a fim de realizar seu projeto de vida.

Luca dá testemunho de uma mudança em sua "organização de vida", ele não joga praticamente mais videogames. Na escola, ele continua a andar de um lado para o outro para se regular, mas se inscreve também em projetos de grupo de programação.

O trabalho com Luca me ensina que se fazer "porta-voz de um dizer partindo de um 'ponto difícil', graças ao seu uso singular da linguagem informática e seu consentimento em fazê-lo em parceria a partir da escrita", introduz um novo circuito aberto à possibilidade de que ele possa ser o suporte de seu dizer na linguagem.

Luca nos ensina que é a partir de suas indicações, de suas construções singulares e de um trabalho com vários parceiros todos submetidos à mesma lei social que o horizonte de um mundo cada vez mais vivo e linguageiro se desenha para ele.

2º caso: *Chat GPT* como suporte libidinal corporal à construção de um projeto profissional Ruptura entre a teoria e a prática

Emma é uma jovem mulher de 26 anos, que ante à impossibilidade de prosseguir em seu posto de técnica de laboratório após 3 tentativas infrutíferas, deseja encontrar um psicólogo pois se pergunta sobre seu futuro profissional. Ela viveu com muita dor e dificuldade o trabalho necessário para acessar seu diploma.

Ela identifica perfeitamente o que lhe causa dificuldades em seu trabalho atualmente, ela tem muita dificuldade em assimilar as "formações" da empresa a respeito das técnicas de manipulação do material, quando são ensinadas no laboratório por uma pessoa. É mais fácil para ela trabalhar a partir

de um manual e isso não a incomoda. Ela adora aprender sozinha em sua casa. Uma vez compreendidos os manuais, ela os aplica ao pé da letra, de maneira repetitiva e "automatizada" dirá ela. Mas se entrementes há uma atualização do protocolo no laboratório que lhe é transmitida por uma colega, Emma fica em dificuldade imediata. Ela não pode modificar sua maneira de lidar com a novidade e isso realmente a limita em seu trabalho.

Balanceamento do laço social: 90% de tempo sozinha e 10% de tempo reconhecida pelos outros

Espontaneamente Emma elenca minuciosamente e com detalhes suas dificuldades que ela identifica desde a infância. Nunca sentiu a necessidade de estar entre os outros e por causa desta posição retraída, ela sofreu assédio, sobretudo da parte da gente de sexo masculino, o que tornou sua escolaridade difícil e seu laço com os outros impossível: "Sempre soube que havia algo que faltava ou que não funcionava em mim, isso começou na escola, eu não estava totalmente nos grupos de estudantes, eu não era nem a mais falante, nem a mais popular na escola, então tem por anos, me assediaram na escola, hoje forjei uma carapaça para mim em relação a isso".

Ela logo "se trancava nos *videogames*" na saída da escola para "recarregar suas baterias" esvaziadas por tantas demandas escolares e de interação social. Era importante alternar momentos curtos de relacionamento social na escola e momentos solitários bastante longos onde ela jogava e joga ainda a seu jogo preferido *Animal Crossing*. Ela se lembra de sua matéria preferida na escola, o francês, onde lhe era possível ser "criativa" a partir de regras bem precisas e sobretudo colocando-se na pele de um personagem pois "era mais fácil tomar a palavra na pele de um outro". A esse respeito, não sabe por que, mas ela diz não ter personalidade desde muito pequena.

Sem perspectiva de trabalho, ela se encontra travada, o que a incomoda e a angustia terrivelmente. Ela deseja ser acompanhada em suas "pesquisas" para encontrar um novo trabalho, e quer se reorientar na área da cozinha, um de seus interesses. Aumento sua rede colocando-a em relação com um "job coach" para tratar dessa questão. Esta nova direção movimenta seu corpo e a dinamiza, cada semana ela me apresenta suas realizações culinárias, da escolha da receita ao orçamento, à compra dos ingredientes, à montagem, até o retorno crítico de seus pais e de seu irmão. Em seguida, ela passa a me trazer um pedaço do que cozinhou, a cada consulta. Ela prefere a confeitaria porque é matemático e tem menos margem para erro.

Em paralelo, Emma me explica a utilização que ela faz de *Chat GPT*, "coloco perguntas a ele e ele me responde, ele me dá uma direção". *Chat GPT* é um assistente digital. Ela vem para refletir em sessão sobre o que ela gostaria de fazer e em seguida pede ao *GPT* que redija uma "agenda sob medida". Ela ali formaliza a receita de confeitaria da semana, as compras, os cursos de holandês e sua aprendizagem "autônoma" de outras línguas, um tempo para escrever, um tempo para ler, para fazer suas tarefas domésticas incluindo hora de levantar e de finalizar o dia. Ela vem me mostrar seu "horário" calibrado minuto a minuto retomando "o tempo de trajeto". Ela se apoia nesse assistente

digital artificial e em suas condições de imutabilidade para organizar seus dias.

Devastação na relação com os homens

Emma nunca teve namorado, nem mesmo amigos, mas ela gosta de observar os "diferentes perfis" e ressalta sua admiração por "aqueles" da população masculina que são "muito sociáveis". Ela observa que suas conversas não interessam muita gente pois "ela entra demais nos detalhes e não sabe parar". Recentemente, ela cruzou com um antigo colega de escola que havia zombado dela durante uma entrevista de emprego. Conhecendo sua ética duvidosa no trabalho, ela não pôde impedir-se de informar o diretor: "eu não sei mentir". O jovem apresentou queixa contra ela por "difamação". Emma fica chocada e muito espantada de que sua propensão a dizer sem filtro tudo o que pensa poderia ter um dia consequências com a justiça, isso a inquieta: "Vou para a prisão?" pergunta ela.

Ela aceita dizer algo mesmo se não sabe bem o quê, ela fala de ciúme, de ódio em relação a ela e relata um episódio onde conversava com o dito rapaz e outros falando de seus estudos. Esse garoto zombou dela com os outros, e a deixou rindo. Esse homem a feriu enormemente, tanto mais por que ela o achava gentil e interessante, era um dos únicos. Ela se pergunta se um dia poderá encontrar um homem sem que haja consequências tão devastadoras.

Uma rede para se defender

Proponho que ela peça a ajuda de um advogado como se faz nesses tipos de caso. Ela me diz "mas como vou me virar, vou ser obrigada a dizer a verdade, não sei mentir". Eu a sustento nessa diligência onde ela deseja testemunhar a partir da verdade do que aconteceu com ela. Em um primeiro momento, ela me pede para ir com ela à seu depoimento na polícia para "falar em seu lugar" do que se passou. Os encontros com o advogado lhe permitem organizar o procedimento enquanto ela se serve das sessões para que eu a acompanhe para "escrever" o que ela vai dizer ao advogado e ao juiz. Ela se dirige ao interrogatório com uma carta e a presença de seu pai. O caso é arquivado sem sanção penal, sob condição de que Emma trabalhe em "sua necessidade irreduzível de dizer a verdade a qualquer momento". Desse inquérito, Emma extrai a conclusão de que ela não pode mentir e deve dizer a verdade, mas não é obrigada a dizê-la a todo mundo para se proteger.

Seu projeto de reorientação profissional adquire contornos mais precisos, ela deseja se recolocar como secretária. Ela me informa que sua prima com quem ela se identifica trabalha como secretária médica, ao que respondo: "se você tem perguntas e necessidade de uma resposta de maneira urgente, talvez você possa pedir ajuda à sua prima".

Ela se apoia em sua prima para se preparar para os exames em que ela é bem sucedida e inicia sua nova formação.

Após 1 ano de acompanhamento, Emma prossegue seu caminho. Recebeu recentemente um diagnóstico de TEA e se serve de alguns arranjos para organizar seu projeto profissional. Ela me

escreve sempre que a angústia se torna forte demais para falar.

A questão do tratamento do autismo, inaugurada em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner, está muito relevante hoje. Sua particularidade contemporânea existe na Bélgica mas não somente lá, e visa hoje a necessidade do diagnóstico como única via para articular o ambiente universal ao conceito de inclusão a partir das necessidades específicas. Na Bélgica, os centros de referência em autismo operados por um dispositivo federal de saúde, têm várias missões: formar e sensibilizar, aconselhar e sustentar as famílias durante o tempo da avaliação ao diagnóstico assim como a orientação para outras estruturas mais adaptadas. Hoje, esses centros devem estabelecer uma triagem visando as prioridades de atendimento urgente, notadamente devido à explosão da demanda de diagnóstico. O objetivo inicial de propor um diagnóstico como coadjuvante a um atendimento não é mais possível, as listas de espera se alongam, atualmente são de 3 a 4 anos de espera para as famílias, sendo que os adultos estão em busca de uma orientação de lugares para acolhê-los. No centro de reinserção psicossocial, cuja missão não é especificamente acolher esse tipo de sujeito, aceitamos acompanhar demandas cada vez maiores.

Os centros não podem mais assumir a demanda, mas são os lugares que recebem financiamentos, enquanto os locais de acolhimento e de socialização não são priorizados. A especificidade aplicada às políticas de inclusão leva exatamente à mesma constatação, as pessoas autistas são acolhidas ao final do percurso diagnóstico em locais que já existiam, antes desse aumento da busca de diagnóstico para responder à questão do tratamento do autismo. O interesse da Casa do Autismo de Bruxelas é que se trata de uma oferta de um local de acolhimento e de socialização em um contexto onde a prioridade é dada ao diagnóstico com a particularidade de acolher os projetos já existentes, criados e inventados para responder à necessidade de um trajeto no laço social. Entretanto também é possível acolher novas iniciativas. Apoiados na constatação de que não existe um autismo, mas diversos autismos, a singularidade é convidada em um projeto modelado pelos significantes mestres contemporâneos, a inclusão, e que se infiltra em uma arquitetura a serviço do apaziguamento e ferramenta terapêutica. O projeto da Casa do Autismo de Bruxelas visa uma representação e uma orientação plural no acolhimento da problemática do autismo, já que este tende a se tornar uma comunidade mais desejável do que a de outras patologias.

O acolhimento de um sujeito não é sem um lugar e um laço como sublinha Jacques-Alain Miller (2000-2001), o de um lugar-dito de escuta a partir do qual se responde e onde a construção de um laço social pode se fazer a partir do que há de mais singular em um sujeito.

Tradução: Catarina Coelho dos Santos

Referências Bibliográficas

Asperger, H. (1944). *Les psychopathes autistiques pendant l'enfance*.

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). American Psychiatric Publishing.
- Kohout-Diaz, M. (2018). *L'éducation inclusive : Un processus en cours*. Érès.
- Laurent, É. (2012). *La bataille de l'autisme : De la clinique à la politique*. Navarin/Le Champ freudien.
- Layeb, S. (2022). La perception de la transition architecturale chez l'enfant avec autisme. *Revue française de pédagogie*, 214(1), 53–69. <https://doi.org/10.4000/rfp.11302>
- Lefort, R., & Lefort, R. (1980). *Naissance de l'Autre*. Seuil.
- Maleval, J.-C. (2021). *La différence autistique*. Presses universitaires de Vincennes.
- Miller, J.-A. (2000-2001). *L'orientation lacanienne*. Le lieu et le lien, enseignement prononcé dans le cadre du département de psychanalyse de l'université de Paris VIII, inédit.
- Nothomb, A. (2000). *Métaphysique des tubes*. Albin Michel.
- Sadoun, P. (2019). *Autisme : Dire l'indicible*. L'Harmattan.
- Williams, D. (1992). *Si on me touche, je n'existe plus*. Robert Laffont.

Citação/Citation: Noël, E. (nov. 2025 a abr. 2026). Autismo e Laço Social. (C. C. dos Santos, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 21(41), 125-142. Disponível em <https://www.isepol.com/asephallus> DOI: 10.17852/1809-709x.2026v21n41p125-142

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 16/03/2026 / 03/16/2026.

Aceito/ Accepted: 07/05/2026 / 05/07/2026.

Copyright: © 2026. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.